

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO


LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA


LETRAS
LISBOA


FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA


FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP

EVIDÊNCIAS DE UM ESPAÇO FUNERÁRIO. VESTÍGIOS DE UMA NECRÓPOLE ROMANA ÀS PORTAS DE SCALLABIS

Carlos Boavida¹, Tânia Manuel Casimiro², Telmo Silva³

RESUMO

No final de 2013, durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico de obra no Largo Pedro Álvares Cabral (Santarém) foram identificados diversos vestígios da presença humana ao longo de várias centúrias. Aquele espaço localiza-se a escassos metros da antiga porta de *Alpram*, no principal acesso ao planalto onde foi construída a alcáçova de Santarém.

Embora muito destruídos, os mais antigos achados correspondiam a pequenas fossas preenchidas por cinzas, no interior das quais foram recuperados diversos fragmentos de recipientes vítreos, na maioria deformados por exposição ao fogo, assim como restos de pequeno pote cerâmico e pequenas esquirolas de osso carbonizado.

Tendo em conta as características apontadas e a localização do achado, pensamos estar perante necrópole de incineração de Época Romana, datável entre os séculos I e II d.C..

Palavras-chave: Santarém; Necrópole; Época Romana.

ABSTRACT

In late 2013, an archaeological excavation at Largo Pedro Álvares Cabral (Santarém), led to the discovery of evidence of anthropic activities. This site is located in short distance from the old *Alpram* wall gate, and a main access to the plateau where the Santarém castle was built.

Although very destroyed, the earliest finds were recognized as small graves filled with ashes, inside of which were recovered several fragments of glass containers, mostly deformed by fire exposure, the remains of a small ceramic pot, as well as small fragments of carburized bone.

The evidence and the location of the finds suggests that it can correspond to a Roman incineration necropolis, dating from 1st to 2nd centuries AD.

Keywords: Santarém, Necropolis, Roman Era.

1. INTRODUÇÃO E ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Os contactos com comunidades vindas do Mediterrâneo Oriental durante a Idade do Ferro, como demonstram os múltiplos achados arqueológicos recuperados na alcáçova, fizeram de Santarém um importante entreposto comercial, ao mesmo tempo que introduziram novos hábitos de consumo (Arruda & Catarino, 1982; Arruda, 2002: 30-34).

Embora ainda existam algumas dúvidas sobre o local onde foi instalado o acampamento militar na origem da colónia romana, criada em meados do século I a. C. (Alarcão, 2002: 37-42), a sua importância estratégica e comercial levou a que fosse elevada a sede de *conventus* durante o principado de Augusto (Viegas, Custódio & Mata, 1996: 63-64).

São diversos os vestígios da presença romana no planalto da alcáçova, não só a nível estrutural, onde se destacam o *podium* de um templo e um outro edifi-

1. Instituto de Arqueologia e Paleociências – UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses; cmpboavida@gmail.com

2. Instituto de Arqueologia e Paleociências – UNL / Instituto de História Contemporânea – UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / Bolseira pós-doc FCT; tmcasimiro@fsh.unl.pt

3. Instituto de Arqueologia e Paleociências – UNL; telmoaps@gmail.com

cio público de função indeterminada, mas também os numerosos fragmentos cerâmicos (Diogo, 1984; Arruda & Almeida, 1998; Arruda & Viegas, 2002; Arruda & Sousa, 2003; Arruda, Viegas & Bargão, 2005, 2006; Bargão, 2006; Pereira, 2008; Silva, 2013) e vítreos (Antunes, 2000).

Fora da área da alcáçova foram encontrados alguns materiais dispersos (Almeida, 2002: 93, nota 3), mas na aqueles não surgem associados a qualquer contexto que lhes seja contemporâneo, o que não permite que sejam interpretados de forma categórica como evidência da dimensão da cidade romana, face a essa localização. O mesmo se poderá afirmar em relação ao traçado de alguns arruamentos da actual cidade, que embora sugestivos (Gaspar, 1975: 142; Garcia, 1977: 74; Rodrigues & Custódio, 1997: 176-184), continuam a não ter prova arqueológica indiscutível de que integrariam o espaço urbano durante a Época Romana (Viegas, 2003: 19-20).

Duas importantes vias, vindas de *Olisipo*, passavam pela então *Scallabis*, seguindo a partir desta última para *Bracara Augusta* e para *Emerita Augusta*. Secundários a estas vias, condicionados pela topografia, existiam caminhos que permitiam aceder ao núcleo urbano e que se encontravam pouco antes de se chegar à zona do Alporão (Mantas, 1986: 16; 2002: 109-110).

Recentemente, naquele local foram identificados vestígios de ocupação romana imperial, nomeadamente uma necrópole, que se sobrepõe a espesso depósito onde abundavam materiais anteriores à 1.ª metade do século I d. C.. Foram ali colocadas à vista diversas deposições em urna, assim como um possível *ustrinum*, sobre os quais, a partir do século III, vão surgir diversas sepulturas de inumação (Liberato, 2012: 3-4; Santos, Liberato & Geota, 2012: 157). Embora a prática da incineração se tenha difundido durante a presença romana, ela já existia anteriormente no território nacional, tendo começado progressivamente a ser substituída pela inumação a partir do início do século II, no caso do termo de *Olisipo* (Duarte, 2003: 268) e apenas na centúria seguinte na região de Penafiel e de *Bracara Augusta* (Soeiro, 2015: 171).

A existência de um espaço funerário neste local, no exterior do núcleo urbano, junto dos acessos àquele, obedecia à legislação de então, plasmada na Lei das Doze Tábuas (Braga, 2015: 125).

2. TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS (2012-2013)

Entre Abril de 2012 e Dezembro de 2013 ocorreram obras de substituição de infraestruturas de diversa ordem (electricidade, água, saneamento e telecomunicações), em vários arruamentos do Centro Histórico de Santarém (Boavida, Casimiro & Silva, no prelo). Um dos locais intervencionados nesse âmbito foi o Largo Pedro Álvares Cabral, onde os trabalhos foram precedidos pela abertura de sondagens de diagnóstico, em Maio de 2013 (Boavida, Casimiro & Silva, 2013). Aquelas revelaram a presença de seis silos escavados no substracto geológico, cuja quantidade se revelou bem mais numerosa durante o decorrer da obra (Julho-Outubro), ultrapassando as duas dezenas.

Foram igualmente identificadas algumas estruturas murárias na zona fronteira à Igreja da Graça, às quais se encontravam associados, pelo menos, dois níveis de pavimentos. O espólio recuperado nestes contextos é constituído essencialmente por objectos cerâmicos cuja cronologia permitiu datar o momento de abandono dos mesmos no final do século XIV, época em que se inicia a construção da igreja (Casimiro, Boavida & Silva, 2014).

Os trabalhos continuaram depois na Rua Vila de Belmonte (Novembro-Dezembro), onde, encostada ao corte Este, foi encontrada uma conduta de saneamento de alvenaria que, após acentuada curvatura, segue aquela orientação, descendo pela Calçada da Graça (actual Travessa D. Pedro de Menezes), perpendicular à vala principal. Esta conduta, ao que tudo indica construída no final a 2.ª metade do século XIX, contorna o extremo Sul da Casa do Brasil, tendo perturbado a estratigrafia do local até cerca de 1,00m de profundidade (Boavida, Casimiro & Silva, no prelo) (Figura 1).

3. EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

A abertura de uma vala secundária, perpendicular ao corte Oeste, para construção de um sumidouro, permitiu a identificação de pequena bolsa de sedimento negro (constituído por cinzas), afectada em momento anterior a esta intervenção para a instalação de tubos de PVC para cabos telefónicos – Estrutura 1 (Figura 2B). A limpeza da área e a sua delimitação possibilitaram a colocação à vista do que subsistia de uma estrutura negativa subquadrangu-

lar, cuja profundidade não ultrapassava os 0,30 m, encontrando-se a sua parte superior a escassos 0,80 m da actual superfície da rua.

A escavação do sedimento mencionado permitiu a recolha de vários restos cerâmicos, assim como de múltiplos fragmentos de vidro, correspondentes a recipientes na sua maioria deformados por exposição ao fogo. Após limpeza daqueles, foi possível reconstituir algumas formas, onde além de um pequeno pote se incluem unguentários. Foram ainda encontradas algumas esquirolas de osso carbonizado, além de um fragmento de objecto em liga de cobre.

Na continuidade dos trabalhos, seguindo para Norte pela Rua Vila de Belmonte, na vala principal, debaixo do colector de saneamento a ser substituído, foram encontradas outras duas bolsas de cinzas com características idênticas às observadas no primeiro caso – Estruturas 2 e 3 (Figuras 2C/2D). Infelizmente, devido à sua localização, assim como à intensa pluviosidade que se registou durante aqueles dias, não foi exequível a definição daquelas bolsas para aferir as suas dimensões, tendo-se verificado, no entanto, que a mancha de ocupação de cada uma daquelas correspondia a uma área com diâmetro máximo de 1,00 m. Nenhuma destas bolsas ofereceu qualquer tipo de espólio.

A Norte destes contextos, por baixo de pavimento de pequenos seixos rolados sobre o qual estava construída a estrutura de saneamento, foi recuperado fragmento de *tegulae* por cima de algumas pedras envolvidas por sedimento castanho claro arenoso, sem qualquer outro espólio associado, do qual não foi possível aferir a função – Estrutura 4 (Figuras 2E/2F).

Durante a restante intervenção no Largo Pedro Álvares Cabral, em níveis medievais, foram recolhidos alguns artefactos romanos dispersos, produzidos em cerâmica. Além de um fragmento de *terra sigillata* hispânica, que poderá corresponder a pé de prato ou taça, que não foi possível classificar, destaca-se ainda o bico fundeiro de uma ânfora da forma Dressel 1 integrado na estrutura da boca de um silo (Figuras 3F/3H).

4. ESPÓLIO

Em relação à peça cerâmica identificada, da qual subsiste apenas metade, possui corpo globular assente em fundo ligeiramente destacado e a espessura das suas paredes não ultrapassa os 0,002 m. Não se pre-

serva o bordo, nem existem quaisquer evidências de terem existido asas (Figuras 3A/3B). Foi produzido com pasta laranja claro (MSCC 7.5 YR 7/8) que mostra elementos não plásticos de calibre muito fino. Enquanto a superfície externa é brunida, sem qualquer tipo de engobe, a interior apresenta diversas manchas enegrecidas.

A sua fina espessura levou-nos a considerar que se poderá tratar de uma peça de paredes finas, no entanto, a mesma não encontra paralelo na tipologia apresentada por Françoise Mayet (1975). Contudo, em estudo sobre as produções emeritenses apresentado por F. Germán Rodríguez Martín, onde estão presentes diversos exemplares das formas enunciadas naquela tipologia, surgem outras inéditas, como a forma XIV (*ollita*), que mostra algumas semelhanças com o recipiente identificado em Santarém. Aquela encontra-se atribuída ao período Cláudio-Vespasiano, podendo prolongar-se até ao início do século II d. C. (1996: 164-165 e 170, fig. 10). Através da via que ligava a capital da Lusitânia à cidade de *Olisipo*, estes produtos chegavam facilmente ao território nacional (Rodríguez Martín, 1996: 177).

A presença deste artefacto no depósito poderá indicar a sua utilização secundária como urna, tendo sido recolhido em associação com alguns fragmentos de osso carbonizados (Figura 3E).

A descoberta de contentores, em cerâmica ou vidro, usados de forma primária ou secundária como urnas é frequente neste tipo de contextos. Alguns exemplos desta situação foram identificados em antigas áreas periféricas de cidades como *Bracara Augusta* (Braga, 2015) ou *Olisipo* (Silva, 2002; Gonçalves *et alli*, 2010; Bugalhão *et alli*, 2013).

Não se encontrou nenhum recipiente vítreo completo, estando presentes o fundo de um unguentário e o bordo e gargalo de outros dois, entre demais fragmentos de forma indeterminada. Foram produzidos em vidro transparente, com colorações que variam entre o azul e o verde amarelado (Figuras 3C/3D).

Os bordos são extrovertidos, terminando em lábio de perfil semicircular, por vezes destacado internamente. Daqueles arrancam gargalos altos e estreitos. Embora possuam semelhanças com a forma 82 de Isings (1957: 97-99), a sua deformação devido à exposição ao fogo não permite uma classificação inquestionável.

O fundo plano, muito espesso, poderá corresponder igualmente àquela forma, nas suas variantes B1 ou B2, tendo depósito triangular do qual arrancava gargalo estreito que não se preserva. O uso deste

tipo de unguentário terá ocorrido na área ocidental do império a partir do final do século I d. C., mas acima de tudo na 1.ª metade do século II d. C., surgindo com alguma frequência até ao final dessa centúria e no início da seguinte (Isings: 1957: 97-99).

Em sepultura encontrada no Pombalinho, concelho de Santarém, entre outros objectos vítreos, foram recolhidos também unguentários deste formato, tendo o contexto, em função do espólio, sido atribuído ao início do século II d. C. (Alarcão, 1968: 78). A forma surge também em exemplares recuperados em Balsa (Alarcão, 1970: 254), na Aramenha (Alarcão, 1971: 198), no Monte Novo do Castelinho (Almodôvar) (Fabião *et alli*, 1998, 214) ou na Azinhaga do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) (Gomes, 2013: 815-816), só para citar alguns casos. Em *Augusta Raurica*, perto de Basileia (Suíça), foi encontrado unguentário deste formato que também mostra paredes muito espessas como o exemplar *scallabitano* (Rütti, 1991: 119 e 314, tafel 102, n.º 2355).

Desconhece-se qual seria o objectivo da colocação de unguentários junto dos cadáveres sobre a pira ou padiola antes da sua incineração, mas muito provavelmente os óleos que continham auxiliariam na combustão. Por outro lado, as diferentes essências desses óleos poderiam igualmente ter algum carácter ritual relacionado com a vida no outro mundo (Fadić, 1998, 80).

A exposição ao fogo em muitos casos levaria à sua deformação, como sucede com um dos exemplares agora apresentados.

O depósito de cinzas em análise ofereceu ainda pequeno elemento metálico em liga de cobre. Apesar de em análise preliminar se ter classificado aquele como possível fuzilhão de fíbula, visto que aquelas surgem com alguma frequência associadas a este tipo de contextos, a ausência do orifício de fixação da mesma não permite a sua caracterização de forma conclusiva, correspondendo portanto a objecto indeterminado (Figura 3E).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos ocorridos no Largo Pedro Álvares Cabral (Santarém) permitiram a identificação de diversos vestígios de uma necrópole de Época Romana. Este espaço funerário foi encontrado numa área próxima ao principal acesso ao núcleo urbano de então. Evidências semelhantes foram anteriormente encontradas na zona do Alporão, a uma

escassa centena de metros do local agora apresentado. No entanto, naquele caso, tanto as deposições em urna, como o possível *ustrinum*, foram posteriormente afectados pela sobreposição de sepulturas de inumação.

Embora apenas uma das fossas (Estrutura 1) tenha oferecido algum espólio, aquele permitiu atribuir a formação do contexto alguns entre o final do século I d. C. e os meados da centúria seguinte, o que poderá indicar que a zona do actual Largo Pedro Álvares Cabral permanecia externa ao espaço urbano naquela data.

Por outro lado, partindo do pressuposto que na última morada os mais abastados teriam consigo mais espólio votivo que os demais, a presença ou ausência daquele nas fossas agora analisadas pode ser um reflexo da riqueza do indivíduo sepultado. Contudo, a conservação deficitária daqueles contextos pode ser a responsável por aquela inexistência.

Apesar de não ter sido possível aferir a área de dispersão dos moimentos, dado a sua proximidade com os encontrados no Alporão, a hipótese daqueles dois espaços poderem estar eventualmente associados não deve ser colocada de parte, podendo mesmo ser contemporâneos, pelo menos durante a vigência da prática da incineração.

Não deve deixar de ser referida a inexistência de quaisquer vestígios de inumações como naquele outro local, mesmo que fora de contexto. Embora se possa afirmar que tal facto de poderá dever à pressão urbanística ocorrida na zona, evidenciada pela presença de silos e outras estruturas murárias de cronologia medieval, assim como pelos edifícios actualmente existentes, erguidos durante a Idade Moderna e Contemporânea; por outro lado, esta “ausência” pode ter resultado de uma regressão populacional na época em que o uso da inumação se começou a afirmar, levando ao abandono de algumas áreas de necrópole até então utilizadas.

AGRADECIMENTOS

Dário Neves e Filipe Oliveira pelo apoio na realização dos trabalhos arqueológicos.

Eurico Sepúlveda, Guilherme Cardoso, Rodrigo Banna da Silva e Edgar Fernandes pelos esclarecimentos sobre diversos aspectos, assim como a indicação e cedência de alguma bibliografia.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge (1968) – “Espólio de uma sepultura luso-romana de Pombalinho (Santarém)”. *O Arqueólogo Português*, 2 – S. III. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 77-86.
- ALARCÃO, Jorge (1970) – “Vidros romanos de Balsa”. *O Arqueólogo Português*, 4 – S. III. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 237-272.
- ALARCÃO, Jorge (1971) – “Vidros romanos de Aramenha e Mértola”. *O Arqueólogo Português*, 5 – S. III. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, pp. 190-2015.
- ALARCÃO, Jorge (2002) – “Scallabis e o seu território” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém, pp. 37-46.
- ALMEIDA, M.^a José (2002) – “O planalto de Marvila e os núcleos ribeirinhos” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém, pp. 83-93.
- ANTUNES, Ana Sofia (2000) – “Vidros romanos da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 153-199.
- ARRUDA, Ana Margarida (2002) – “A Alcáçova de Santarém e os Fenícios no Estuário do Tejo” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém, pp. 73-82.
- ARRUDA, Ana Margarida; ALMEIDA, Rui Roberto (1998) – “As ânforas da classe 32 da Alcáçova de Santarém (campanhas de 1983-1991)”. *Conímbriga*, 37. Coimbra: Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra, pp. 201-231.
- ARRUDA, Ana Margarida; CATARINO, Helena (1982) – “Cerâmicas da Idade do Ferro na Alcáçova de Santarém”. *Clio*, 4. Lisboa: Centro de História – Universidade de Lisboa, pp. 35-40.
- ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (2003) – “Cerâmicas de paredes finas da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 235-286.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina (2002) – “Cerâmicas de «engobe vermelho pompeiano» da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 5.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 221-238.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2005) – “As ânforas da Bética costeira na Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 8.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 279-298.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; BARGÃO, Patrícia (2006) – “Ânforas lusitanas da Alcáçova de Santarém” in Silva, C. T.; Soares, J. (dir.) *Actas do Simpósio Internacional: Produção e comércio de preparados piscícolas durante a Proto-História e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica – Homenagem a Françoise Mayet*. Setúbal Arqueológica (13). [S. l.]: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Lisboa, pp. 233-252.
- BARGÃO, Patrícia (2006) – *As importações anfóricas do Mediterrâneo durante a Época Romana Republicana na Alcáçova de Santarém* (2 vols.). Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [s. n.] (138+140 p.) (policopiado, não publicado).
- BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo (2013) – *Sondagens de diagnóstico – Largo Pedro Álvares Cabral (Marvila, Santarém). Relatório Final*. [S. l.]: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- BOAVIDA, Carlos; CASIMIRO, Tânia Manuel; SILVA, Telmo (no prelo) – “Do Romano ao Contemporâneo: 2000 Anos de Arqueologia nas ruas de Santarém”. *Arqueologia & História*, vol. 66-67; Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- BRAGA, Cristina Vilas Boas (2015) – “Entre a Vida e a Morte: rituais funerários e espaços sepulcrais em Bracara Augusta” in Silva, G.; Leite, L.; Silva, É.; Neto, B. (org.) *Cotidiano e Sociabilidades no Império Romano. I Colóquio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, pp. 124-139.
- BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; DUARTE, Cidália (2013) – “Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros (Lisboa)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural, pp. 243-275.
- CASIMIRO, Tânia Manuel; BOAVIDA, Carlos; SILVA, Telmo (2014) – “Pottery consumption in Medieval Santarém (12th-15th century)”. Comunicação apresentada no congresso *Medieval and later ceramic development, production and trade along the Atlantic seaboard* promovido pelo Medieval Pottery Research Group no Museu Nacional de Arte Antiga (18 Junho).
- DIOGO, Ant.^o Manuel Dias (1984) – “O material romano da 1.^a campanha de escavações na Alcáçova de Santarém (1979)”. *Conímbriga*, 23. Coimbra: Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras / Universidade de Coimbra, pp. 111-141.
- DUARTE, Cidália (2003) – “Núcleo de Paleobiologia Humana: Bioantropologia” in Mateus, J. E.; Moreno-Garcia, M. (eds.) *Paleoecologia Humana e Arqueociências. Um programa multidisciplinar para a Arqueologia sob tutela da Cultura*. Trabalhos de Arqueologia, 29. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 263-298.

- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; LAÇO, Teresa; MEL-RO, Samuel; RAMOS, Ana Cristina (1998) – “Necrópole romana do Monte Novo do Castelinho (Almodôvar)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 199-220.
- FADÍĆ, Ivo (1998) – “Invenção, produção e técnicas antigas de laboração do vidro” in *Transparências Imperiais. Vidros romanos da Croácia*. Catálogo da exposição no Museu Nacional de Arqueologia. Milan: Skira, pp. 75-92.
- GARCIA, José Manuel (1977) – “Em torno de Scallabis” in Martins, B. C.; Custódio, F.; Moreira, J. G.; Custódio, J.; Pereira, J. F. M.; Cardoso, M. S. (org.) *Santarém – A Cidade e os Homens*. Santarém: Junta Distrital, pp. 65-77.
- GASPAR, Jorge (1975) – Estudo geográfico das aglomerações em Portugal Continental”. *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 10 (19). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos – Universidade de Lisboa, pp. 107-152.
- GOMES, Francisco B. (2013) – “Os vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal depositados no Museu Nacional de Arqueologia” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (edit.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 813-820.
- GONÇALVES, David; DUARTE, Cidália; COSTA, Cláudia; MURALHA, João; CAMPANACHO, Vanessa; COSTA, Ana Maria; ANGELUCCI, Diego. E. (2010) – “The Roman cremation burials of Encosta de Sant’Ana (Lisbon)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13. Lisboa: Instituto Português de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, pp. 125-144.
- ISINGS, Clasina (1957) – *Roman glass from dated finds*. Archaeologica Traiectina (II). Gronningen/Djakarta: Academiae Rheno-Traiectinae Instituto Archaeologico, 149 p.
- LIBERATO, Marco (2012) – “Novos dados sobre a paisagem urbana de Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão”. *Medievalista online*, 11. [S. l.]: Instituto de Estudos Medievais – FCSH/UNL (<http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11/liberato1107.html>) – visto em Junho 2014).
- MANTAS, Vasco Gil (1986) – “Arqueologia Urbana e Fotografia Aérea: contributo para o estudo do urbanismo antigo de Santarém. Évora e Faro” in *I Encontro de Arqueologia Urbana*. Trabalhos de Arqueologia (3). Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, pp. 13-26.
- MANTAS, Vasco Gil (2002) – “A rede viária de Scallabis” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém, pp. 107-112.
- MAYET, Françoise (1975) – *Les céramiques a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Paris: Centre Pierre Paris/CNRS – Bordeaux III, 279 p.
- PEREIRA, Carlos (2008) – *As lucernas romanas de Scallabis*. Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [s. n.] (226 p.) (policopiado, não publicado).
- RODRIGUÉZ MARTÍN, Francisco Germán (1996) – “La cerámica de «paredes finas» en los talleres emeritenses”. *Antiquité – Moyen-Age*. Mélanges de la Casa de Velázquez (tomo 32.1). Madrid: Casa de Velázquez, pp. 139-179.
- RODRIGUES, José Augusto; CUSTÓDIO, Jorge (1997) – “Evolução urbana. Hipótese de ocupação humana na Época Romana – Scallabis Colonia” in Custódio, J. (dir.) *Santarém: cidade do Mundo*, 1. Santarém: Câmara Municipal, pp. 176-184.
- RÜTTI, Beat (1991) – *Die römischen Gläser aus Augst und Kaiseraugst. Katalog und Tafeln*. (Forschungen in Augst, 13). Augst: Römermuseum Augst, 442 p.
- SANTOS, Helena; LIBERATO, Marco; GEOTA, Ricardo Próspero (2012) – “Alterações urbanísticas na Santarém Pos-Medieval. A diacronia de abandono de uma rua no planalto de Marvila” in Teixeira, A.; Bettencourt, J. M. (coord.) *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. I. ArqueoArte (1). Lisboa: Centro de História do Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, pp. 157-162.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2002) – “Sepulturas da Calçada do Garcia (Lisboa) e o Urbanismo de Olisipo” in Barros, L.; Henriques, F. R. (coord.) *Actas do 3.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Monografias – Arqueologia. Almada: Câmara Municipal, pp. 193-205.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2013) – “«Marcas de oleiro» na terra sigillata de Santarém” in Cruz, A. R.; Graça, A.; Oosterbeek, L.; Rosina, P. (ed.) *Actas do I.º Congresso de Arqueologia do Alto Ribatejo – Homenagem a José da Silva Gomes*. Arkeos: perspectivas em diálogo (34). Tomar: Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo, pp. 231-242.
- SOEIRO, Teresa (2015) – “A preferência pela inumação nas necrópoles romanas dos sécs. III – IV d.C. do Município de Pinafidel (Norte de Portugal)” in Branco, G.; Rocha, L.; Duarte, C.; Oliveira, J.; Bueno-Ramírez, P. (eds.) *Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário*. Actas do II Congresso Internacional sobre Arqueologia de Transição. Évora: Centro de História de Arte e Investigação Artística – Universidade de Évora, pp. 159-174.
- VIEGAS, Catarina (2003) – *A terra sigillata da Alcáçova de Santarém. Cerâmica, economia e comércio*. Trabalhos de Arqueologia (26). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 320 p.
- VIEGAS, Catarina; CUSTÓDIO, Jorge; MATA, Luís. (1996) – “Santarém – Fundamentação história. Três mil anos de História” in Custódio, J.; Mata, L.; Nazaré, L. (coord.) *Santarém – Cidade do Mundo*, vol. 1. Santarém: Câmara Municipal, pp. 59-94.

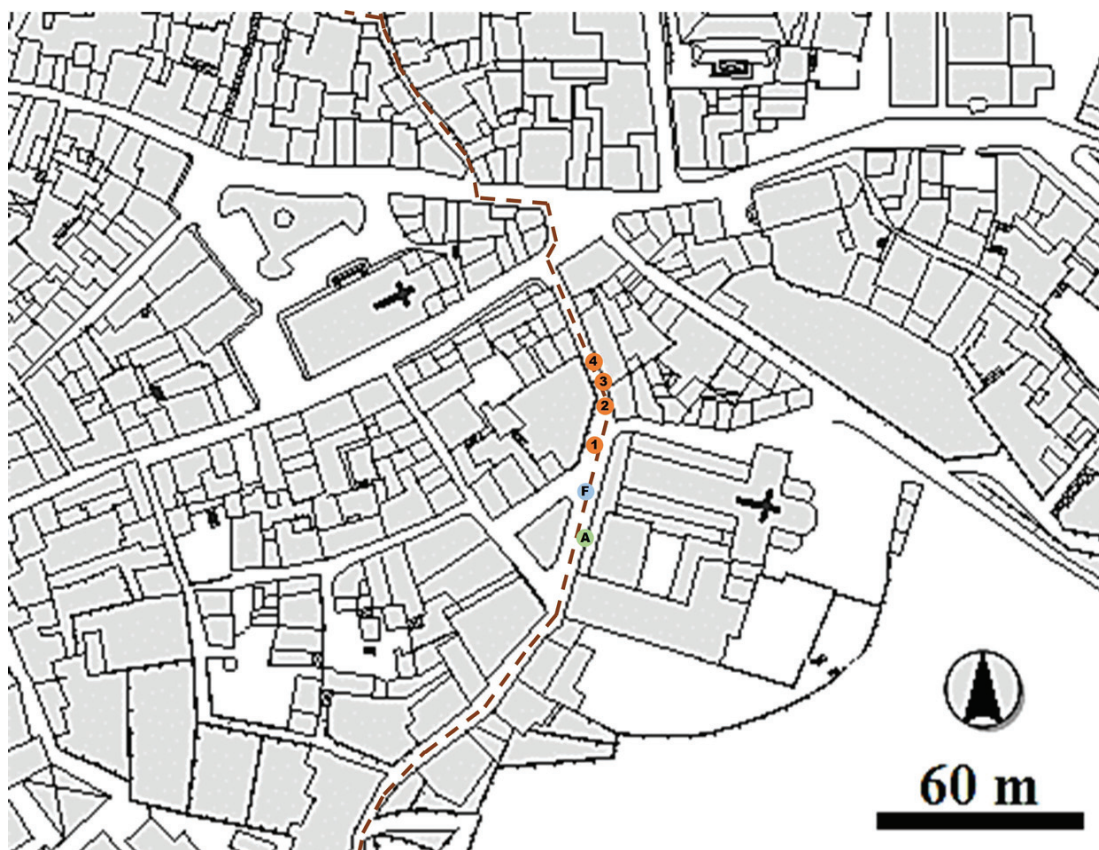


Figura 1 – Localização das estruturas identificadas no Centro Histórico de Santarém. 1/4 – Deposições secundárias; A – Bico fundeiro de ânfora Dr. 1; F – Fundo em *terra sigillata* hispânica. A tracejado o percurso da vala da obra.



Figura 2 – Diversos aspectos da intervenção arqueológica. A – Vista geral da área onde foram identificadas as estruturas, estando assinalada em primeiro plano o local da Estrutura 1, onde se recuperou espólio; B – Vista superior da Estrutura 1; C – Perspectiva da Estrutura 2; D – Vista superior da Estrutura 3; E/F – Vista superior da Estrutura 4 após a escavação e perspectiva antes da escavação.

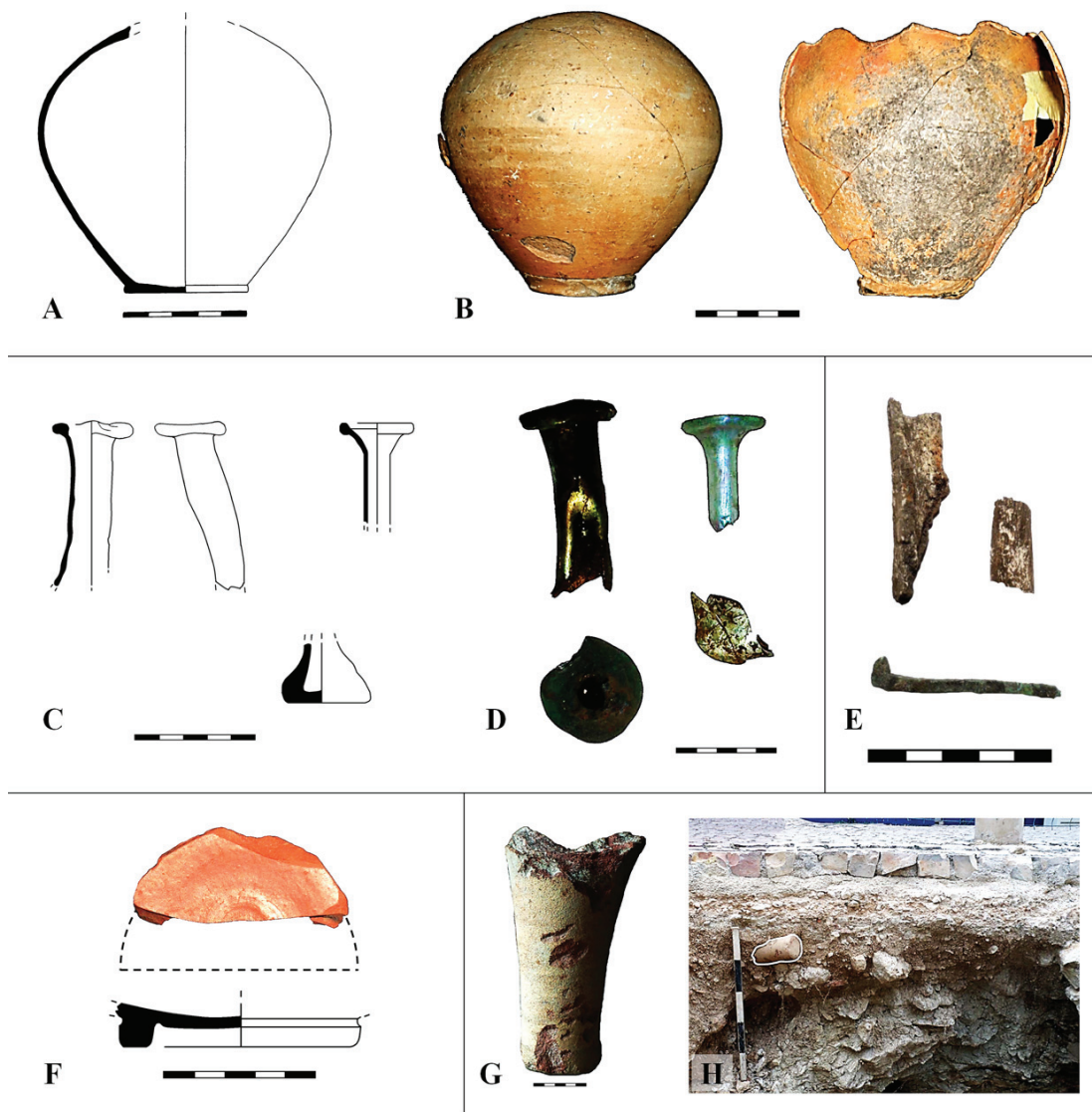
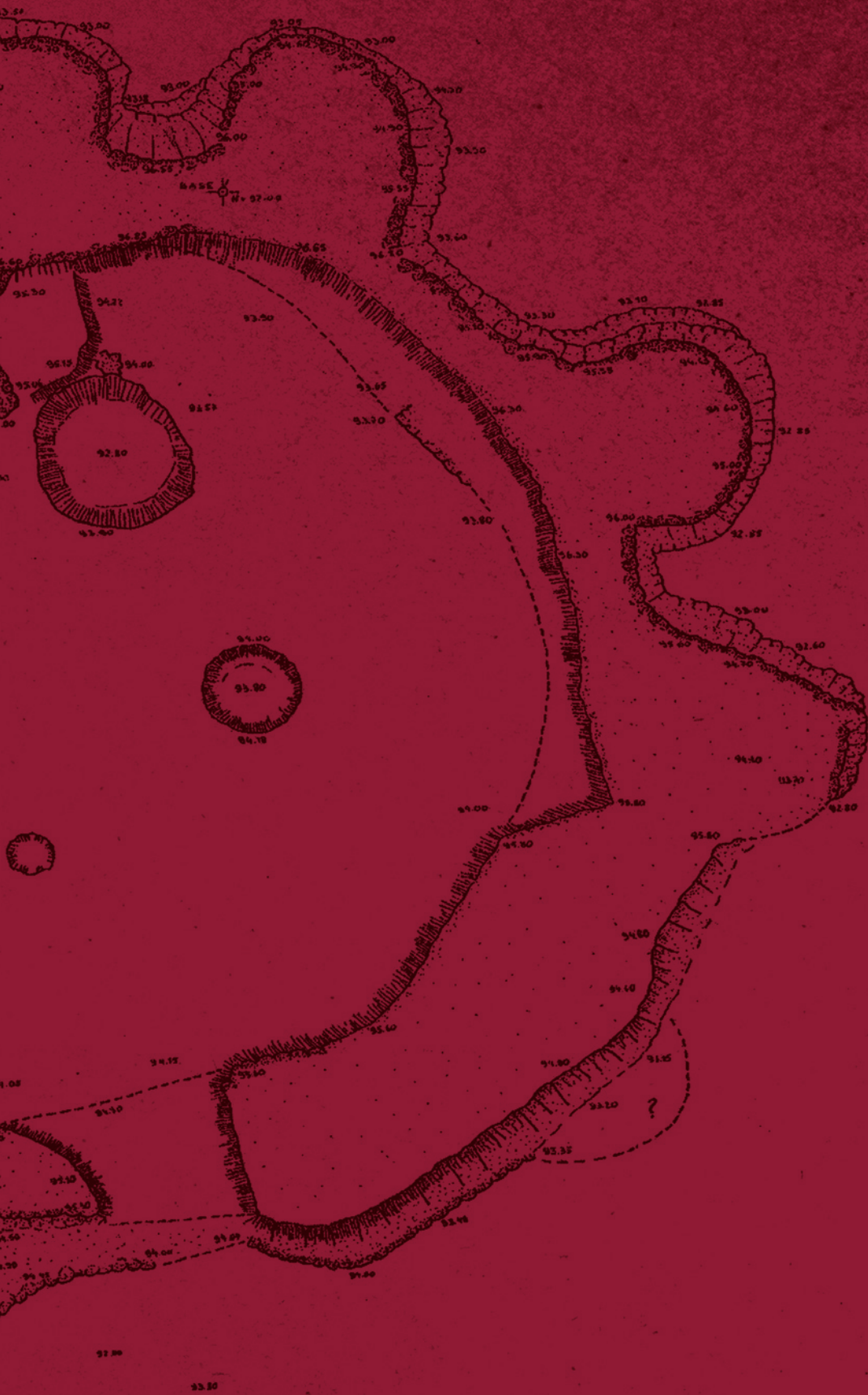


Figura 3 – Espólio recuperado. A/B – Recipiente cerâmico; C/D – Fragmentos de unguentários em vidro; E – Esquírolas de osso carbonização e elemento metálico; F – Fundo em *terra sigillata* hispânica; G/H – Bico fundeiro de Dressel 1 e a sua localização no corte. Escala: 5 cm (A/G); 50 cm (H).



Patrocinador oficial